

---

# FIB Produz: experiência e prática discente no Projeto de Extensão da FIB

Wellington César Martins Leite\*

Frank Simões\*\*

Paulo Nascimento\*\*\*

## RESUMO

O presente artigo tem o intuito de descrever o projeto de extensão das Faculdades Integradas de Bauru (FIB), que é prático-profissional de produção televisiva - o FIB Produz (no ar semanalmente<sup>1</sup>) - que proporciona ao aluno-monitor, além de desconto na mensalidade, a rotina de uma emissora de televisão real, mostra-lhe a estrutura rígida por trás do roteiro, que busca fazer um programa que possa ser

---

1 Pelo canal 14 da operadora NET, pela Internet em [www.cnub.com.br](http://www.cnub.com.br) e pelas redes sociais do FIB Produz no *Facebook* e *YouTube*.

\*Mestre em Comunicação Midiática pela UNESP Bauru. Graduado em Comunicação Social - habilitação em Rádio e Televisão pela Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação (FAAC) da UNESP de Bauru - SP. Docente dos cursos de Produção Audiovisual e Publicidade e Propaganda da FIB - Faculdades Integradas de Bauru.

\*\*Especialista em Gestão Integrada: Pessoas e Sistemas de Informação, Graduado em Comunicação, Coordenador e docente dos cursos de Produção Audiovisual e Publicidade e Propaganda da FIB - Faculdades Integradas de Bauru.

\*\*\* Graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Marília e especialista em Gestão da Comunicação Mercadológica pelas Faculdades Integradas de Bauru - FIB. Professor do curso de Publicidade e Propaganda, nas Faculdades Integradas de Bauru (FIB).

assistido repetidas vezes, em canal físico de TV a cabo e também sob demanda na Internet. A base teórica é sobre infotenimento, tratado por Fabia Dejavite, Marcos Américo e Paulo Cardozo, e as reflexões sobre educação e informação de José Arochi, sobre cultura da participação de Clay Shirky e sobre juventude de Zygmunt Bauman.

**Palavras-chave:** projeto de extensão; FIB Produz; produção audiovisual; Infotenimento.

## 1. INTRODUÇÃO

O projeto de extensão *FIB Produz* é um programa de entrevistas, exibido pelo Canal Universitário de Bauru.

O mencionado canal é dividido, irmãmente, entre duas instituições universitárias: a Universidade Paulista, a UNIP, e as Faculdades Integradas de Bauru, a FIB. Nas suas doze horas de programação, a FIB procura produzir todos os seus programas, ora dedicando horas de estúdio a entrevistar professores e profissionais das suas áreas de interesse, ora dedicando-se a gravar os jogos que acontecem no seu estádio, o já conhecido Duduzão, dos times de basquete e de futebol de salão, que representam a cidade de Bauru até internacionalmente. Para que funcione, a FIB mantém dois radialistas contratados.

No que tange ao nosso objeto neste artigo, o FIB Produz está vinculado ao Curso Superior em Tecnologia em Produção Audiovisual; é coordenado e apresentado por professores do mesmo curso e exhibe as produções audiovisuais (de indicação Livre Para Todos os Públicos, ou seja, “não aponta inadequações”, de acordo com Classificação Indicativa Brasileira (2006, p.31)) produzidas pelos alunos de Produção Audiovisual, Publicidade e Propaganda e Design.

O projeto de extensão data de abril de 2014 (FRANZOLIN; MESTRINELLI, 2015). O formato pensado para aproveitar a infraestrutura da TV FIB foi o de entrevista gravada em estúdio (ARONCHI, 2006), no qual o professor-entrevistador explora um assunto que pode gerar curiosidade ao público interessado em descobrir como funcionam as produções audiovisuais com o autor da audiovisual que será mostrada; exhibe um registro musical de um artista independente da cidade ou da região de Bauru – nossa aplicação para o termo *infotenimento*.

Segundo a professora Fábica Dejavite:

O jornalismo de INFOtenimento é o espaço destinado às matérias que visam informar e entreter, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público. Esse termo sintetiza, de maneira

clara e objetiva, a intenção editorial do papel de entreter no jornalismo, pois segue seus princípios básicos que atende às necessidades de informação do receptor de hoje. Enfim, manifesta aquele conteúdo que informa com diversão (DEJAVITE, 2007, p.2)

De nossa parte, exclua-se dessa perspectiva o que se chamaria fofocas, já que o modo descontraído de levar as entrevistas permitem pequenas brincadeiras, mas nenhum comentário sobre a vida pessoal que não esteja relacionado ao assunto da entrevista.

José Carlos Aronchi (2006, p.5) também considera que um programa de televisão “deve sempre entreter e pode também informar e educar. Pode ser informativo e educativo, mas deve também ser de entretenimento”. Para reforçar essa ideia, o autor cita o caso do manual de produção de programas da inglesa *British Broadcasting Corporation* (BBC), segundo o qual

os programas devem: 1. Entreter; 2. Informar. O entretenimento é necessário para toda e qualquer ideia de produção, sem exceções. Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência. Não implica entreter só no sentido de vamos sorrir e cantar. Pode interessar, surpreender, divertir, chocar, estimular ou desafiar a audiência, mas despertar sua vontade de assistir. Isso é entretenimento. Programas com o propósito de informar são necessários para toda produção, exceto aquela dirigida integralmente ao entretenimento (balés, humorísticos, videoclipe etc.). Informar significa possibilitar que a pessoa, no final da exibição, saiba um pouco mais do que ela sabia no começo do programa, sobre determinado assunto ou assuntos. (ARONCHI, 2006, p. 5).

É importante frisar que o professor Marcos Américo e o autor Paulo Cardoso avisam que esse conceito não é novo, já que consta essa relação de informação e entretenimento desde o século XIX, em jornais (AMÉRICO; CARDOZO, 2016, p.7). Aliás, a barreira entre entretenimento e informação, parece-nos, nunca foi muito nítida. E os professores afirmam que a tendência é de acentuação do embaralhamento. Como bem enfatizam os autores, a legitimidade educativa, jornalística do infotainment ainda é questionável. Em nosso caso, apenas tentamos não ser formais, apesar de mantermos distâncias de assuntos pessoais e termos inadequados à classificação etária geral, já que o programa é repetido em horários diversos na grade da TV FIB.

Após alguns anos trabalhando em rádio e produzindo espetáculos em Bauru, sempre que possível, tentamos unir, em nossas pesquisas acadêmicas, música e comunicação (LEITE, 2013). As poucas experiências que tivemos em TV também foram prazerosas o suficiente para propormos esse tipo de solução, a música, ao programa, sem alterar a questão do custo e gerando um valor artístico e regional ao mesmo (não bastassem as próprias produções audiovisuais artísticas produzidas pelas alunas e alunos dos cursos das Faculdades Integradas de Bauru). Pensado o

conteúdo e o tempo de que dispomos, cerca de vinte e sete minutos, o exercício semanal pareceu-nos interessante. Assim, a partir da temporada 2017, o FIB Produz apresenta, em seu final, uma produção de algum artista independente.

Mais que regional, um artista independente é, segundo Laerte Fernandes de Oliveira (2002, p.25), em *Em Um Porão de São Paulo*,

uma produção que é feita pelos próprios artistas e produtores que não fazem parte do *cast*, isto é, daquele grupo que possui contrato de exclusividade com as grandes gravadoras.

Acreditados que isso dobra o valor do nosso produto final. Especialmente quando o compartilhamos nas redes sociais, marcamos os envolvidos e pedimos a todos que curtam e compartilhem também, usando e abusando das “maciças” conexões que são nosso “excedente cognitivo” (SHIRKY, 2011, p.144) que temos hoje e que, como Clay Shirky observou atentamente, reunidos, criam algo que valem a pena.

Ademais, a coordenação do curso elabora um edital anual que seleciona dois alunos-monitores para participarem de: a) as rotinas da agência experimental e do programa, como as de uma emissora de TV real; b) a estrutura rígida por trás do roteiro, que busca fazer um programa que possa ser assistido repetidas vezes em canal físico de TV a cabo e também sob demanda na Internet. É dessa forma que pretendemos desenvolver e, depois, fechar este artigo.

## 2. AS ROTINAS DO PROGRAMA

Podemos dizer que a rotina dos monitores participantes do projeto de extensão FIB Produz divide-se em duas partes: sua participação na agência experimental Colmeia e na TV FIB e na hora da gravação propriamente.

Como a TV FIB, além de seu padrão, tem sua grade de horário e está em pleno funcionamento, o FIB Produz precisa adaptar-se a ela, ou melhor, os alunos selecionados às bolsas de monitorias precisam estar alertas desse fato.

Com o início do primeiro semestre do ano seletivo, os antigos bolsistas já começam o treinamento dos novos monitores. Passamos a contar com quatro e não dois alunos-monitores, que ficarão sozinhos no segundo semestre e farão o treinamento dos futuros bolsistas no primeiro semestre do ano seguinte.

Ademais, além de cuidarem de equipamentos e da sala onde permanecem, os monitores passam a maior parte do tempo ou renovando as vinhetas (normalmente,

um trabalho de criação que fazem quando os antigos monitores já deixaram a universidade e os novatos querem alterar a plástica do programa), ou editando e espalhando os arquivos já prontos para a TV FIB e para os canais do FIB Produz na Internet.

Já durante a gravação do programa, os alunos-monitores cuidam da iluminação, da preparação de cenário, das três câmeras, da ligação e da verificação dos microfones e do controle dos cartões de memórias dessas câmeras. Também têm liberdade de sugerir pautas e indicar músicos para se apresentarem ao final de cada apresentação.

Segundo as professoras Terezinha Mestrinelli e Giovana Franzolin, abordando o primeiro ano do projeto de extensão:

Faz parte do projeto do pedagógico do curso a formação do discente em torno de três eixos-base, a saber, o eixo de formação fundamental, que visa a formação geral e integral do estudante em relação à compreensão teórica global e à capacidade crítica e analítica do campo profissional, o eixo de formação profissional, que contempla as habilidades e competências da Produção Audiovisual propriamente dita, e o eixo de formação prática e experimental, que objetiva a prática dos conteúdos adquiridos e a utilização de recursos técnicos e de ferramentas tecnológicas. Assim, o FIB Produz viria ao encontro de tais propostas pedagógicas, concentrando questões teóricas, profissionais e práticas e atuando como importante ferramenta de formação aos alunos. Além disso, enquanto projeto de extensão, o FIB Produz também contribuiria como importante veículo de comunicação e ponte de intermediação entre a FIB e a comunidade, a partir do momento em que seria veiculado por uma emissora de televisão e geraria publicidade e visibilidade aos produtos desenvolvidos pelos alunos. (FRANZOLIN; MESTRINELLI, 2015).

Além de a interação entre os alunos ser uma experiência enriquecedora, devemos dizer que, enquanto docentes, sentimos o aumento do número de alunos estimulados a ter um canal no *Youtube* devido ao relato da experiência de outro discente e a seriedade na organização dos trabalhos finais após outro aluno ser semifinalista no concurso de Curtas de Nova Iorque<sup>2</sup>, mesmo após problemas comuns decorrentes do árduo trabalho coletivo exigido no fazer audiovisual.

Como diz o professor Zygmunt Bauman (2013, p.25): “O único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar”. E em nossa opinião, enfrentar as vicissitudes de um programa gravado ao vivo, mas que permite correções – cuja edição ficará sob responsabilidade deles – é um exercício estimulante (e próximo da rotina de produtoras audiovisuais e emissoras televisivas).

---

2 <http://socialbauru.com.br/2016/03/31/bauruense-e-semifinalista-em-concurso-em-nova-york/> acesso em setembro de 2016.

### 3. A ESTRUTURA DO ROTEIRO DO PROGRAMA “FRIO”

Roberts-Breslin, ao falar de roteiro em seu livro *Produção de Imagem e Som* (2007, p.10) ensina-nos a teoria que, somada a nossa experiência profissional, permite-nos passar esse conteúdo aos nossos alunos das mais diversas formas. Porém, no projeto de extensão FIB Produz inverte-se esse papel: o produtor-apresentador somos nós, os professores. Os alunos participam dos procedimentos atrás das câmeras e observam nossa atuação profissional. A decisão da apresentação por um professor ocorre, além de zelo - já que há um cuidado genuíno com a classificação indicativa como já dissemos - porque o registro profissional dos alunos não contempla a apresentação <sup>3</sup>.

Assim, utilizando nossa experiência em rádio e uma reflexão feita em nossa dissertação de mestrado - que se desdobrou em um artigo publicado na Revista *Cambiassu* sobre nossa experiência no ensino de locução AM e FM (2015) - tentamos mostrar aos alunos de forma prática que, por trás da maleabilidade e do improviso típicos de uma entrevista, há um roteiro rígido, normalmente decorado (além de certa compulsividade no controle do tempo e outros detalhes). É, como se houvesse, e há um duplo roteiro, um que caminha explícito, com as perguntas e respostas; outro, que é a estrutura, que está escrita, mas que também está na mente de quem dirige e produz a peça audiovisual.

Como professores-produtores, encorajamo-los a produzir; como professores-apresentadores, nós os encorajamos a apresentar, seja nas entrevistas, seja em quadros especiais, ou selecionando temas ou entrevistados, coordenando e agendando as entrevistas, corrigindo erros, fazendo perguntas na hora da entrevista, rindo das piadas espontâneas, enfim, ora repassando as responsabilidades, ora cobrando-as.

Os debates ético-legais (ROBERTS-BRESLIN, 2007, p.17) são feitos em estúdio, entre os próprios alunos, às vezes pelos funcionários. A regra maior sobre a Classificação Livre já foi entendida por todos e, desde o início da edição 2017, não tivemos problemas.

Como o programa é reprisado na TV FIB e pode ser visto nas redes sociais, nosso esforço é para que ele não perca sua validade, assim, todos ficam atentos para

<sup>3</sup> O curso tecnológico é superior, o DRT dos profissionais formados na FIB tem 28 funções: Almoxarife técnico, arquivista de teipe, assistente de estúdio, assistente de produção, autor roteirista, auxiliar de iluminação, continuísta, contrarregra, diretor artístico e de produção, discotecário, diretor de imagens, editor de videoteipe, encarregado de tráfego, fotógrafo, iluminador, montador de filmes, operador de áudio, operador de câmera, operador de controle mestre, operador de gravações, operador de máquina de caracteres, operador de microfone, operador de mixagem, operador de rádio, operador de som de estúdio, operador de videoteipe, roteirista de intervalos comerciais e sonoplasta.

que a linguagem não demarque o tempo no qual a gravação ocorre. O programa “frio” será visto em qualquer horário, e o resultado tem ficado bastante agradável.

Exceção feita quando há eventos na faculdade e os próprios alunos resolvem ou são convidados a cobrir o evento ou fazer registro das imagens. Aí o FIB Produz ganha uma edição especial que mostra quando os cursos de Comunicação Social recebem convidados e, normalmente, mostram a palestra ou entrevista do convidado à comunidade semanas após ocorridas. De todas as formas, o sentimento de que há prestação de serviço é muito presente.

#### 4. CONCLUSÃO

De fato, fazer tevê não é um problema. Conhecemos profissionais que estão fazendo operação de câmera há quase trinta anos – aqueles profissionais práticos que jamais passaram por uma formação e ganharam seu registro profissional, digamos, “a raça”. Afirmamos com ênfase: não há demérito nisso!

Porém, os tempos são outros. Como sabemos, conhecer uma máquina ou dispositivo, pela primeira vez ou sua atualização, ou versão leva dias. Uma tarde semanal (ou duas) de prática em que, em tese, todos ganham e em que nos esforçamos para que sejam agradáveis e enriquecedoras trocas a professores, alunos e entrevistados tem sido o ponto alto do projeto que, na prática: dá desconto nas mensalidades dos alunos; gera conteúdo artístico inédito audiovisual e musical para a TV FIB e para os canais sob demanda; exercita as habilidades que os alunos deverão ter no mercado; estimula o intercâmbio interno e externo; e aumenta a qualidade dos trabalhos.

Esses alunos serão os profissionais que sairão com vinte e oito registros profissionais e, certamente, não usarão todos.

Mais que usar, é necessário fazê-lo com consciência crítica. Melhor, como diz o professor Shirky:

Todos nós temos motivações intrínsecas, desejos de fazer coisas pelo prazer que elas nos dão. Temos agora ferramentas para nos comunicar e compartilhar, novos meios para nos entregar a essas motivações. Contudo, meios e motivos não são suficientes para explicar o que está acontecendo com os novos usos do nosso excedente cognitivo. Precisamos levar também em conta a oportunidade, maneira reais de tirar proveito de nossa capacidade de participar em conjunto do que antes consumíamos sozinhos. (SHIRKY, 2011, p.90).

Saber operar uma câmera não nos faz melhores cinegrafistas que nenhum dono de *smartphone* com câmera. Mas o olhar crítico e sensível é altamente raro. Como

docentes, nossa obrigação e oportunidade é tentar despertar essas possibilidades de criar essas novas possibilidades em rede, a partir desse excedente cognitivo do qual fala o professor Clay Shirky. Afinal, lembremos, nos primeiros anos do século XXI, não tínhamos à mão o *YouTube*, que sequer havia sido inventado.

Acreditamos que o projeto possibilita prática cotidiana, aguça olhares e permite a troca de experiência entre profissionais-docentes e futuros profissionais-discentes.

## REFERÊNCIAS

AMÉRICO, Marcos; CARDOZO, Paulo Henrique. **Transmídia, Edutretenimento e Infotretenimento: aproximações contemporâneas.** Simpósio Internacional de Educação à Distância, 2016. In: [https://www.academia.edu/28437075/Transm%C3%ADdia\\_Edutretenimento\\_E\\_Infotretenimento\\_Aproxima%C3%A7%C3%B5es\\_Contempor%C3%A2neas?auto=download&campaign=weekly\\_digest](https://www.academia.edu/28437075/Transm%C3%ADdia_Edutretenimento_E_Infotretenimento_Aproxima%C3%A7%C3%B5es_Contempor%C3%A2neas?auto=download&campaign=weekly_digest). Acesso: set. 2016.

ARONCHI, José Carlos. **Televisão, gêneros e linguagens. Proposta Pedagógica.** Boletim 10, Salto para o Futuro. SEED/MEC. Junho, 2006. In: <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/161649Televisao.pdf>. Acesso: set. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude.** Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CANELA, Guilherme (Coord.). **Classificação Indicativa: construindo a cidadania na tela da tevê.** Supervisão Editorial Veet Vivarta. Brasília: ANDI; Secretaria Nacional da Justiça, 2006.

DEJAVITE, Fábila Angélica. **A Notícia Light e o Jornalismo de Infotemenimento.** XXX Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, 2007. In: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1472-1.pdf>. Acesso: set.2016.

FRANZOLIN, Giovana; MESTRINELLI, Terezinha. **O Programa Televisivo FIB Produz vomo Projeto de Extensão das Faculdades Integradas de Bauru – um relato das experiências.** Revista Multiplicidades, Volume VI, Ano V, 2015. In: <http://www.revistamultiplicidades.com.br/sumario.php>. Acesso: set. 2016.



LEITE, Wellington C. M. **A Representação do Caipira na UNESP FM**. Dissertação de Mestrado. Bauru: FAAC-UNESP, 2013.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre a Prática de Locução a Partir da Dissertação “A Representação do Caipira na UNESP FM”**. Cambiassu, julho-dezembro, 2015. In: [http://www.cambiassu.ufma.br/cambi\\_2015.2/reflexoes.pdf](http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2015.2/reflexoes.pdf). Acesso: set. 2016.

OLIVEIRA, Laerte Fernandes de. **Em um porão de São Paulo** – o Lira Paulistana e a Produção Alternativa. São Paulo: Annablume – Fapesp, 2002.

ROBERTS-BRESLIN, Jan. **Produção de imagem e som**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação** – criatividade e generosidade no mundo conectado. Tradução de Celina Portocarrero. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.